

Outubro de 2019. Mês

Em 2019, a Carta Apostólica *Maximum Illud* do papa Bento XV completa 100 anos de existência. Para celebrar este centenário, o papa Francisco convocou um Mês Missionário Extraordinário (MME) em outubro de 2019. Com ele, o Santo Padre quer despertar a consciência da missão *ad gentes* e retomar com novo ímpeto a responsabilidade de todos os batizados proclamarem o Evangelho.

«A atividade missionária representa ainda hoje o maior desafio para a Igreja, e a causa missionária deve ser a primeira». Com estas palavras, o Papa convocava este Mês Missionário Extraordinário.

BATIZADOS E ENVIADOS

Estas duas palavras resumem a ideia que o papa Francisco tem da missão: batizados e enviados.

São João Paulo II chegou a afirmar que depois de tantos anos de evangelização, a tarefa missionária está a dar os primeiros passos, e o papa Francisco afirma que quer despertar a consciência missionária da *missio ad gentes* e retomar com um novo vigor a transformação missionária da vida da Igreja.

Jesus veio trazer o fogo –do amor de Deus– à terra, e não quer senão que ele se acenda. Com o batismo recebemos também um envio: «Ide por todo o mundo e anunciai o Evangelho».

Falar hoje de batizados e enviados significa que todo o batizado, na sua pequenez, pode ser missionário, pode ser um instrumento da proposta que Deus quer fazer aos homens, através do seu testemunho pessoal, através da sua oração e também através do seu oferecimento.

Um dia recebemos o sacramento do batismo, através do qual Deus fez de nós criaturas novas..., e confiou-nos a preciosa tarefa de fazer com que o Seu amor e a Sua paz cheguem a todos os homens.



Missionário Extraordinário

LOGO DO MÊS MISSIONÁRIO EXTRAORDINÁRIO

É uma cruz missionária cujas cores tradicionais fazem lembrar os cinco continentes. A cruz é o sinal de comunhão entre Deus e os homens para a universalidade da missão: é luminosa, cheia de cores, sinal da vitória e da ressurreição. O mundo é transparente, porque a atividade evangelizadora não tem barreiras nem limites: é fruto do Espírito Santo. A caridade cristã e o mundo transfigurado no Espírito superam as distâncias e abrem o olhar da nossa mente e coração. As palavras «batizados e enviados», que acompanham a imagem, indicam os dois elementos característicos do cristão: o batismo e o anúncio.

As cores da cruz são as que tradicionalmente se atribuem aos cinco continentes: *vermelho* para América, *verde* para África, *branco* para Europa, *amarelo* para Ásia e *azul* para Oceânia. O vermelho faz lembrar o sangue dos mártires do continente americano, sementes para uma nova vida na fé cristã. O verde é a cor da vida e simboliza o crescimento, a fertilidade, a juventude e a vita-

lidade; a cor verde para além de tudo é cor da esperança, uma das três virtudes teológicas. O branco é símbolo da alegria, início da vida nova em Cristo: é o desafio para a velha Europa, para que volte a apropriar-se da força evangelizadora que gerou graças a muitas Igrejas e muitos santos. O amarelo é a cor da luz, que se alimenta da luz invocando a verdadeira Luz. O azul é a cor da água da vida que nos sacia a sede e nos conforta ao longo do caminho para Deus; é a cor do nosso céu, sinal da morada de Deus entre nós, os homens.

Começemos a tarefa missionária rezando e prolongando a nossa oração durante todo o crescimento da missão.



Outubro
2019

Vocação universal

O MILAGRE COMO ELEMENTO DE PROVA NAS CAUSAS DOS SANTOS

IV. VERIFICAÇÃO DO MILAGRE NA EXPERIÊNCIA JURÍDICA DAS CAUSAS DE BEATIFICAÇÃO

3. SENSIBILIZAÇÃO DO PROCEDIMENTO

No século seguinte (século XII), o procedimento torna-se mais sensível mediante duas intervenções de Eugénio III e Alejandro III. O primeiro, com o Decreto de 1146, regula toda a matéria de procedimento, e estabelece que os delegados pontifícios instruem o processo, recolhendo provas diretas (*testemunhos oculares*), e que depois se passe ao exame dos atos sobre os milagres atribuídos, ou num Sínodo ou num Concílio, cujas conclusões serão depois submetidas à aprovação definitiva do Sumo Pontífice.

Alejandro III, ao introduzir a reserva papal definitiva ao processo de canonização com o Decreto *Audivimus*, determinou que o reconhecimento pontifício do milagre era um ato único e definitivo a que se chegava através de uma investigação sobre os factos prodigiosos conduzi-

dos pelos delegados que recolhiam testemunhos e documentos, que eram examinados por um cardeal relator e por ele exposto no Consistório, onde o Sumo Pontífice se pronunciava definitivamente.

4. O PROCEDIMENTO TENTA ADQUIRIR ELEMENTOS TÉCNICOS

Desde o século XIII, no procedimento sobre a verificação do milagre pode-se deduzir o aspeto médico-legal a partir da formulação dos interrogatórios e da solicitude de estudar as curas através dos conhecimentos científicos do momento.

Inocêncio III sublinhou que no procedimento sobre os factos prodigiosos se pusessem em evidência verdadeiros elementos médico-legais.

De facto, o processo de S. Gilberto Sempringham, apresenta algumas curas com uma particular metodologia e, rigorosamente, são pedidos dados precisos sobre a pessoa que obteve a cura; os testemunhos apresentados devem indicar a

«Dá-me, meu Deus,
mais dilatados horizontes,
novas terras para estender
o teu Reino».

à santidade

natureza e duração da doença, a sintomatologia, a eficácia ou não dos remédios adotados, a impossibilidade por parte dos médicos de curar a doença, a invocação do servo de Deus, o facto da cura visto nas circunstâncias anteriores, concomitantes e subsequente, o tempo passado desde o momento da cura para excluir uma eventual recaída na doença.

Neste período, enquanto se consolidam algumas modalidades de procedimento, as intervenções dos pontífices especificam posteriormente o duplo perfil do processo: formal e de mérito.

Gregório IX, ao incluir nos seus Decretais o Decreto *Audivimus* de Alejandro III, transforma em lei universal a *Reserva pontificia* sobre as causas de canonização, conferindo uma melhor ordem ao procedimento sob o aspeto formal e de mérito. De facto, a instância dos fiéis, o Sumo Pontífice nomeava uma Comissão de três prelados para investigarem sobre os milagres realizados pelo servo de Deus em vida e depois da morte, confirmado pelos testemunhos obrigados sob juramento. Em relação ao mérito, nomeavam-se alguns capelães da Casa Pontificia e três cardeais, que examinavam a natureza do milagre verificado após a invocação. Para confirmar este procedimento, Gregório IX acrescentava que os testemunhos, para além de conhecerem a pessoa curada, deviam indicar as circunstâncias do lugar e o tempo em que tinha

acontecido o facto prodigioso, uma certa configuração da natureza e duração da doença, a invocação do servo de Deus considerada nas diversas circunstâncias, a instantaneidade da cura, isto é, não obtida com os recursos da natureza e da medicina.

Portanto, não se pode afirmar que fosse obrigatória a investigação médico-legal, mas os juízes (os Prelados que realizavam o inquérito), porque lhes era útil, investigavam também sobre alguns aspetos de natureza médica, e precisamente perguntavam se, no caso de que algum médico tivesse curado o doente, se tinha sido identificada a natureza e gravidade da doença.

Inocência IV confirma o princípio da necessidade dos milagres em vista à canonização e, sob a instigação da universidade na qual decorriam os estudos de medicina legal, exigiu que o processo canónico se enriquecesse também com elementos médico-legais e que esta prática fosse exigida com maior claridade. Isto surge no processo de canonização de S. Tomás de Cantalupo, em que os testemunhos foram examinados acerca dos remédios utilizados pelo doente e sobre a instantaneidade e perfeição da cura, e os médicos de família foram considerados testemunhos qualificados sem distinção com outros. De facto, no processo de Pedro de Luxemburgo, um testemunho médico apresentou uma exposição detalhada

sobre a cura de câncer, enriquecendo-a com uma erudita descrição sobre a natureza do câncer, da terapia e circunstâncias, referindo-se também à sua experiência e aos conhecimentos científicos. Estas novas contribuições que se introduziam naquele procedimento mantiveram-se circunscritas a elementos gerais dos factos prodigiosos porque a investigação baseava-se sobre os princípios incertos da medicina clássica.

5. CONSOLIDAÇÃO DO PROCEDIMENTO EM BENTO XIV

Durante os séculos sucessivos (XVII-XIX), o procedimento sobre a verificação do milagre chega à sua máxima expressão com Bento XIV, cuja elaboração e aplicação confluem na publicação do Código Beneditino (1917), no qual o elemento científico tem um lugar e dimensão próprios. Efetivamente, desde o início do século XVII o elemento científico na verificação do milagre via-se com maior claridade através de uma série de motivos. Sentiu-se a necessidade de aplicar o método científico no estudo do milagre para responder às instâncias do novo humanismo. Em segundo lugar, como resposta à reforma, o Concílio de Trento, com o Decreto de 3 de dezembro de 1563, estabeleceu que o milagre fosse admitido *nisi eodem recognoscente et adprovante episcopo* e que fosse examinado por uma comissão de teólogos e de peritos para ver se os factos prodigiosos

estavam em consonância com a verdade e a piedade dos fiéis. Mais tarde, Sixto V com a Constituição *Immensae aeterni Dei* (22 de janeiro de 1588) instituiu a Congregação dos Ritos que conseguiu organizar e aplicar a matéria. Além, dos postuladores introduziram os seus próprios peritos médicos (*ad opportunitatem*) no âmbito do processo. A medicina legal, que já tinha maior prestígio, sugeria alguns critérios: a necessidade de interrogar os testemunhos qualificados, especialmente se fossem os médicos de família, e de pedir o parecer científico dos médicos sobre os factos prodigiosos. Toda esta problemática foi tratada por um médico romano, Paolo Zacchia, num estudo crítico: *Questões médico-legais em três tomos divisae* (Lugduni 1701, I, p. 306), cujos princípios foram recolhidos pela Sagrada Rota Romana, à qual os Sumos Pontífices confiavam o tratamento das duas primeiras fases da verificação do milagre.

O prestigioso Tribunal romano realizava a instrução para a aquisição das provas, fase na qual foram introduzidos como testemunhos os peritos médicos e cirúrgicos: efetuava um primeiro exame um Auditor, cuja exposição era discutida pelos outros Auditores e o parecer destes ser recolhido numa Relação, da qual uma cópia era destinada ao Sumo Pontífice e a outra, ao Prefeito da Congregação dos Ritos. Posteriormente, os autores preparavam o *Summarium* (que continha as atas *processus*), precedido do *Informatio* (tese dos autores), ao que seguiam as *Animadversiones* do Promotor Geral da Fé com a relativa resposta dos advoga-

dos. Depois, realizava-se a reunião dos Cardeais e Consultores que elegiam os milagres a serem examinados no Consistório, cujas conclusões eram aprovadas pelo Sumo Pontífice com sentença definitiva.

Esta experiência jurídica, que fluuava entre elementos novos e elementos já existentes, é fixado com a contribuição de dois pontífices: Urbano VIII e Bento XIV.

Um, com a publicação da Constituição Apostólica *Coelestis Ieruselem Cives* (5 de julho de 1634) y de los *Decreta servanda in Canonizatione et Beatificatione* (12 de julho de 1642), que reordenam toda a matéria sobre a atribuição do culto e do procedimento, estabelecem os seguintes princípios: sob o aspeto formal, o bispo competente instrua o processo sobre o milagre com autorização expressa da Santa Sé; os advogados consistoriais deviam expor com rigor os factos prodigiosos, as competências da S. Rota Romana, que se transferiam ao Promotor Geral da Fé. Sobre o aspeto do mérito, instituíram os organismos coligados, e precisamente as congregações particulares que deviam determinar os objetos que se discutiam, isto é, *dubia*, e as gerais, em que se respondia aos *dubia coram Summo Pontifice*.

Entre os dois pontífices estava Inocêncio XI que, mais atento ao aspeto legal, introduz o médico perito de ofício, nomeado pelo Relator da Causa.

Bento XIV, recolhendo os numerosos documentos referentes às beatificações e às canonizações, confirma que os milagres deviam ser aprovados com testemunhos *oculares*; que era necessário um es-

tudo científico dos factos prodigiosos nomeando dois peritos de ofício, sem ignorar os *ad opportunitatem*. A ele corresponde o mérito de ter instituído a 17 de setembro de 1743 o primeiro Registo de médicos. Exigiu que para completar a instrução fossem nomeados *peritos ab inspectione*. O grande mestre não negligenciou o aspeto médico-legal, prescrevendo critérios precisos para um exame científico.

1. A doença deve ser grave, e de acordo com o critério dos médicos qualificados, a sua cura deve ser extremamente difícil ou impossível.
2. A doença não deve encontrar-se na fase de crise que precede à cura do doente. Não contradiz o milagre se a mesma doença, embora normalmente receba cura, desaparece inexplicavelmente na ausência dela.
3. É necessário que não tenham sido administrados medicamentos com capacidade de sarar a doença. Constatar que os medicamentos utilizados foram ineficazes.
4. A cura deve ser instantânea.
5. A cura deve ser perfeita. Poderão ficar sinais como, por exemplo, as cicatrizes.
6. A cura não deve ser precedida de nenhuma crise de superação, com referência a Galeno, segundo o qual a natureza pode conduzir a saúde de três modos; por *decubitum*, por crise, pela simples cura.
7. A cura deve ser estável e duradoura.

MONS. MICHELE DI RUBERTO
«El milagro en las Causas de Canonización», pp. 81-90



A santidade e atualidade de Jerónimo Mariano Usera

VENERÁVEL JERÓNIMO USERA
ENVIADO PARA CAMINHAR NA VERDADE FAZENDO
O BEM NO SEGUIMENTO DE JESUS CRISTO

«O missionário é o enviado do Filho de Deus, que prega a paz, e por onde quer que passa difunde a caridade e oferece felicidade e ventura aos que lhe escutam: para si só reserva os padecimentos».

(J. Usera).

O grande amigo de Jesus, Papa Paulo VI, hoje Santo da Igreja, com a sua enorme sensibilidade, meteu-nos de corpo inteiro na responsabilidade de anunciar o Evangelho, como batizados e iniciados no seguimento de Jesus. A imersão nas águas batismais não nos afoga, mas sim despoja-nos da pele de Adão e enxerta-nos na de Jesus Cristo, como criaturas novas. Crescendo nesta novidade, vamos pouco a pouco tomando consciência de que esta é a nossa vocação, a nossa missão como crentes, seguros em quem nos chamou e continua a pronunciar o nosso nome de filhos e irmãos n'Ele renascidos.

Na exortação *Evangelii nuntiandi*, aos dez anos depois de terminar o Concílio Vaticano II, deu-nos um excelente ensinamento pastoral sobre a evangelização e o compromisso cristão de não interromper a cadeia começada por Jesus:

«Como núcleo e centro da sua Boa Nova, Cristo anuncia a salvação, esse grande dom de Deus que é libertação de tudo aquilo que oprime o homem, e que é libertação sobretudo do pecado e do maligno, na alegria de conhecer a Deus e de ser por Ele conhecido, de O ver e de se entregar a Ele. Tudo isto começa durante a vida do mesmo Cristo e é definitivamente alcançado pela sua morte e ressurreição; mas deve ser prosseguido, pacientemente, no decorrer da história, para vir a ser plenamente realizado no dia da última vinda de Cristo, que ninguém, a não ser o Pai, sabe quando se verificará» (EN 9).

do Venerável ra y Alarcón

«...Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar; ou seja, para pregar e ensinar; ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa, que é o memorial da sua morte e gloriosa ressurreição» (EN 14).

Na mesma linha pastoral, os nossos Mestres supremos na Igreja, os Papas, cada um na sua época, orientaram-nos na mesma direção. Hoje, o papa Francisco, celebrando o centenário da Carta apostólica de Bento XV, que nos recorda uma das palavras de ordem mais importantes de Jesus: *«Ide por todo o mundo e anunciai o Evangelho a todas as nações»* (Mc 16,15), convida-nos a celebrar a nossa fé renovando este compromisso como cristãos. A sua mensagem *«Batizados e enviados»*, tratado anteriormente neste caderno, alimenta hoje a vida da comunidade cristã na sua responsabilidade missionária. A força destas palavras de Jesus, as últimas vontades, diríamos, antes de partir para o céu, foram tão imperativas que os apóstolos *«saíram e pregaram por toda a parte»* (Mc 16,20)

Entre as ligações humanas mais qualificadas desta cadeia de apóstolos missionários, temos o Padre Usera, seduzido desde a sua adolescência pelo projeto de Jesus, no qual implicou toda a sua vida, influenciando também uma multidão de cristãos que, partindo dos vários estados de vida e profissões, incorporaram-se a esta missão, com o eco do grito de São Paulo: *«Porque, se anuncio o Evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim, se não anunciar o Evangelho! E por isso, se o faço de boa mente, terei prémio; mas, se de má vontade, apenas uma dispensação me é confiada, logo, que prémio tenho? Que, evangelizando, proponha de graça o Evangelho de Cristo para não abusar do meu poder no Evangelho...»* (1 Co 9,16-18).

O Padre Usera não conheceu as grandes mensagens papais, que especialmente a partir do final do século XIX iluminaram a evangelização dos povos. Certamente que conheceu os documentos de Gregório XVI, chamado o Papa das Missões, e sim temos documentada a sua relação filial com o Pontífice Pio IX, grande impulsionador das missões nos vários continentes, que no seu longo pontificado motivou um florescimento de Institutos Religiosos apostólicos de vida «ativa» e muitos de carisma missionário, na Igreja Católica. Entre estas fundações, o Instituto das Religiosas do Amor de Deus, fundado pelo próprio P. Usera. O facto de integrar mulheres disponíveis para servir a Deus gratuitamente

te, expressa uma atitude missionária fundamental, que funcionou na Congregação desde as origens, em que as irmãs na sua maioria foram para as Antilhas. É fácil entender que esta espiritualidade e movimento de renovação missionária na Igreja influenciou a sua pessoa –um Jerónimo Usera, sensível e fiel à Santa Sé– e na sua decisão de se entregar para a expedição à Guiné.

Nós, que conhecemos o itinerário vital e testemunho de santidade de Jerónimo Usera, sabemos que o espírito missionário era impulso fundamental da sua vida e que entendeu a missão como um polo de desenvolvimento integral, na qual a pessoa devia crescer de maneira unitária. Por isso, começava a casa pelos alicerces de forma integrada. Família, escola, Igreja são os três pés em que assenta o plano construtivo do seu fazer missionário: formar bons filhos, bons cidadãos e bons cristãos.



Seguindo uma das apresentações que dele nos fez a Irmã Teresa Vaz, missionária em Cuba –La Habana–, o missionário Usera, em vários lugares, se referia ao tema das missões, deixando patente que, ao estabelecer uma «missão», como realização concreta de um projeto missionário, tratava de começar por uma suficiente promoção humana, apelando à razão. Considera o projeto das missões como sendo o maior que Deus inspirou aos homens, «*é o triunfo da razão sobre a força bruta*», não é domínio, mas sim raciocínio, diálogo a partir dos sinais manifestos da vida, sempre partindo da fé e obediência ao envio. Usera, referindo-se ao agente da pastoral missionária, manifesta que não é nem conquistador, nem exterminador nem aniquilador de ninguém, «*é o enviado do Filho de Deus, que prega a paz, por onde quer que vá difunde a caridade e que oferece felicidade e contentamento aos que lhe escutam: para si só reserva os padecimentos*»¹.

Sabemos que o Padre Usera realizou a primeira experiência de missão *ad gentes* (primeira evangelização a povos pagãos) na ilha de Fernando Pó, junto com outro companheiro, padre Juan del Cerro, e foi muito de heróico, pois teve de enfrentar um

¹ VAZ, Teresa, «Pensamiento y acción misionera de Jerónimo Usera en la Guinea Española» en *I Centenario de la muerte de Jerónimo Usera y Alarcón*. Madrid 1994, p. 323.

povo desconhecido, num clima inóspito, sem recursos materiais nem apoios humanos. Metaforicamente, podemos dizer que a sua projeção missionária na Guiné foi pioneira e «a pé descalço». A sua permanência na ilha foi breve. Apesar de tudo, foram colocadas as bases das missões católicas na Guiné Equatorial. Tiveram o mérito de começar e, segundo Usera, «*o princípio em todas as coisas é um pouco mais que algo*».

A missão em Fernando Pó teve uma duração cuja brevidade não lhe tira o mérito; uma imersão num clima agressivo que lhe custou a saúde e lhe obrigou por prescrição médica a regressar, embora, na avaliação como experiência humana, Guiné atuou na sua vida como «acontecimento de graça». O encontro humano e cultural com a raça negra *in situ* lhe afirmou mais no seu compromisso com esta metade da humanidade a qual mais tarde, nas Antilhas, defenderia e dignificaria.



A cruz que, como ensinamento cristão, adorava e amava, não só a ficou mas também na sua alma estava presente, de modo que a deixou pendurada no mais alto da sua chabola (casa) em Fernan-

do Pó, como representação da nova esperança para o povo que lhe acolheu com respeito e afeto. Teve uma expe-

riência cultural e humana muito rica, às vezes agrídoce, na sua relação com os missionários baptistas, aos quais ele faz uma crítica positiva, que lhe serviu de referência para o seu *Plano de Missões*.

Visto desde uns resultados objetivos, como obra estabelecida e dado o breve tempo de presença em Fernando Pó tanto de J. Usera como de Juan del Cerro, podemos falar de um plano fracassado, sentimento que Usera nunca declarou; mas sim manifesta-se dolorido e como quem tem uma dívida pendente com o povo guiniense pois, posteriormente, África aparece nele como tatuagem indelével até onde organizar a sua memória e interesse.

Toda esta bagagem de responsabilidade latente manifestou-a, sem muita demora, na elaboração de um Plano de Missões, baseado no modelo da *Obra de propagação da fé* e na sua própria experiência para criar uma consciência de responsabilidade na comunidade católica e de ajuda no estabelecimento e manutenção das missões nos lugares onde Espanha tinha uma responsabilidade especial.

Em 1846, Jerónimo chega a Madrid exausto da sua viagem de regresso da Guiné. Os médicos prescreveram-lhe descanso e ar limpo, situação que o povo de Uceda lhe facilitou, entre carvalhos e azinheiras, na província de Guadalajara, e o cuidado da sua mãe, que lhe acompanhou durante todo o tempo de recuperação, e ao mesmo tempo que realizava o serviço pastoral como vigário da Paróquia. Em Uceda encontrou a oportunidade

de retocar o seu sonho evangelizador, como o que antes podia fazer:

- Contar o que na Guiné tinha visto, sofrido e anotado, com a finalidade de que servisse tanto aos responsáveis políticos daquelas terras como a missões de evangelização posteriores, das que ele nunca se excluiu. Nesta linha, escreveu a *Memória da ilha de Fernando Pó* e o pequeno *Vocabulário da língua Bubi*, falada então pela maioria dos habitantes daquelas ilhas.
- Realizar uma entrevista com Monseñor Brunelli, Delegado Apostólico de Sua Santidade em Espanha, para lhe expor a sua ideia de ajuda solidária às missões pela comunidade cristã, no caso de Espanha. Para materializar estas ideias, redatou umas *Ba-*

ses que mais tarde deram lugar aos *Estatutos para uma sociedade de missões espanholas no Golfo da Guiné*. Tratava-se de uma associação de leigos que quiseram implicar-se na propagação da religião católica no Golfo da Guiné; ao mesmo tempo, levar a este povo as vantagens da civilização e ilustração. A estrutura deste organismo estaria conetada com a autoridade eclesiástica e civil e dentro da legalidade vigente. O dito projeto não chegou a estar ativo, mas serviu como referência de ação a posteriores missionários.

Dois anos mais tarde, em 1848, D. Jerónimo recebe a «prebenda de racionero» da Catedral de Santiago de Cuba e ele mesmo, na Introdução às «Observações» ao opúsculo do Sr. Guillemar de Aragón

sobre a colonização de Fernando Pó, fala da sua preocupação pelas Missões de África: «...antes da minha partida [para as Antilhas] contribuí, enquanto estive da minha parte, para criar nesta Corte uma Comissão que ativara o expediente já começado das Missões espanholas (...). Nem as distâncias, nem os mares, nem o



rigor dos trópicos, junto com os grandes afazeres que me proporcionava o governo do Arcebispado de Cuba, do qual tomei posse há pouco tempo da minha chegada àquela ilha, pudessem moderar em mim o entusiasmo a favor dos meus queridos ilhéus do Golfo da Guiné. Desde ali escrevia aos meus amigos animando-os na obra começada; e através dos mesmos ia sabendo aos poucos os passos que iam adiantando acerca do nosso expediente de missões espanholas»².

* * *

Desde aquelas datas de há quase dois séculos, foi desenvolvendo muito a teologia da missionariedade ou evangelização. A compreensão do missionário como um chamado excepcional para sair da sua terra e levar a boa nova do Evangelho e a própria cultura e civilização do seu país aos não evangelizados e não instruídos de outras terras, fica distante. Em meados do Século. XIX vemos que se misturava frequentemente evangelização com colonização.

A atual ideia do missionário como perito em diálogo intercultural e inter-religioso, que supõe ser evangelizado em qualquer caso; a evangelização como um ato de reciprocidade de partilha de valores e pobreza, faz-nos dar um salto bastante grande. O próprio Padre Usera faria a sua própria revisão e conversão. Percorreu um itinerário teológico e mudança de lingua-

gem que é importante saber e discernir. Hoje entendemos, e oxalá vivamos aquilo que o Batismo nos põe em missão, Deus chama-nos e a chamada não se interrompe, acompanha-nos e mantém, o mesmo que a vida. Por isso, a necessidade de escutar na oração o alcance desta chamada, que não nos pede o impossível. Todos os batizados somos chamados a evangelizar individual e comunitariamente, porque a missão é comunitária.

No nosso mundo, onde avançam mais velozes as trevas que a luz, tu e eu, **batizados e enviados**, estamos hoje convidados a abrir a nossa porta e sair, arriscar, pondo a nossa vida em sintonia com sinais visíveis de filhos de Deus, sem medo à realidade para que as pessoas vejam e escutem, sintam e se interroguem porquê estes estão alegres, porquê nos oferecem esperança, porquê a sua vida não nega as suas palavras e vale a pena. Não faz falta apanhar o avião, o barco ou o comboio de alta velocidade. Basta caminhar, subir no metro ou no autocarro, estar atentos, ir ao trabalho, cumprimentar as pessoas, amar-nos, olhar para as crianças e anciãos, a vida real, e aí continuar com a porta aberta, para que quem olhar, veja e glorifique a Deus.

O Padre Usera anunciou o Evangelho baseado na teologia do seu tempo, com a linguagem do seu tempo, ao mundo do seu tempo. Cabe-nos a nós fazer hoje o mesmo. Não nos enganaremos se, como ele, levarmos nas nossas palavras e obras o único interesse da verdade e do bem, como grandes referências de Jesus Cristo.

² JERÓNIMO M. USERA Y ALARCÓN, *Escritos*, Editor, Madrid, 1992.

B

A Venerável Irmã Rocio R

«BATIZADOS E ENVIADOS: A IGREJA DE CRISTO EM MISSÃO NO MUNDO»



«A Igreja é missionária na sua essência. Não podemos guardar para nós as palavras de vida eterna que temos recebido no encontro com Jesus Cristo: são para todos, para cada homem. Toda a pessoa do nosso tempo, quer o saiba ou não, necessita deste anúncio. Cabe-nos a responsabilidade de transmitir o que, por sua vez, temos recebido de graça» (Verbum Domini, 91).



«**B**atizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo» é o lema escolhido pelo papa Francisco para o mês de outubro 2019, Mês Missionário. Ele deseja que tomemos consciência da chamada que Deus faz a todos os cristãos para que o Evangelho seja conhecido em todas as partes do mundo e chama a nossa atenção para retomarmos com novo vigor a responsabilidade de proclamar o Evangelho.

ESPÍRITO MISSIONÁRIO DA IRMÃ ROCIO

Como verdadeira filha da Igreja, à qual amava profundamente, Irmã Rocio acolheria com alegria e entusiasmo o convite que o papa Francisco nos faz a todos os cristãos: «*Despertar a consciência da missão ad gentes e retomar com novo impulso a responsabilidade de proclamar a boa notícia do Evangelho a todas as pessoas*».

O espírito missionário que o Padre Usera legou às Irmãs do Amor de Deus, refletido nas palavras «*Dá-me, meu Deus, mais dilatados horizontes, novas terras para estender o teu Reino*», Irmã Rocio assumiu-o de tal modo que se converteu num dos ideais mais fortes da

odríguez Xuárez de la Guardia

sua vida. Sentia pulsar na sua alma o fogo que Cristo veio trazer à terra e queria ser eficaz na extensão do Seu Reino. Assim ela mesma se expressa: «*Que honra, Senhor! Que levemos os milhões de almas, com tudo: o nosso exemplo, o nosso sorriso, com tudo Senhor, com tudo. Que nunca sejamos jamais o mais pequeno obstáculo entre as almas e Tu, Jesus. Que te levemos muitas almas e que elevemos a Ti as almas...*» (Diário, 21-VIII-1943).

Numa carta à sua amiga Mari Pepa, diz-lhe: «*Não te parece que é quase impossível amar de veras e não dar a conhecer e fazer amar o ser amado? Que maravilha é enchermo-nos de Jesus e depois reparti-Lo!*».

Durante a sua estada em Irún, ela transbordou o seu zelo à Aliança com Jesus por Maria, na Ação Católica e na Cruzada Missionária de Estudantes. O seu desejo era poder chegar a ser outro Cristo, entregar-Lhe o seu próprio coração e o coração de cada homem. Desde muito jovem, sentia-se fascinada pelo amor a Jesus e à Virgem e este amor era o tema preferido nas suas conversações, cartas, escritos e cadernos. A sua vida era transparência de Jesus que tinha tomado posse da sua pessoa. Queria ser uma cópia, uma miniatura d'Ele, limpa, amável, humilde, bondosa. Transmissora de amor e de alegria.



«TENHO SEDE!» (Jo 19,28)

A Irmã Rocio define o missionário como o que sente desejos de mitigar a sede ardente de Cristo. Fundamenta a dita definição nas palavras que Jesus dirigiu à Samaritana e nas que pronunciou a partir da Cruz. «*Tenho sede*».

Ao tomar a opção pelo seguimento de Jesus na vida religiosa, pensa na Congregação das Irmãs do Amor de Deus. «*É*—disse ela a uma amiga—*um Instituto de vida apostólica e as religiosas trabalham em colégios, asilos, nas missões... São três coisas que me encantam, especialmente se estiverem unidas, isto é, a um asilo de órfãs lá no centro de África. Que alegria! Ser mãe dessas meninas, ensinar-lhes a ler, a escrever... Ensinar-lhes, sobretudo, a conhecer e amar Je-*

sus... O Senhor claramente chama-me por este caminho. Que missão tão “divina” a de ir gravando nessas almas a imagem de Cristo!

«Que alegria ser missionária! Eu gostaria de ir às “missões”. Eu adoraria todo apostolado com os pequeninos; mas creio que é ainda melhor com os pequeninos que não conhecem a Jesus. Gravar a sua imagem nessas alminhas completamente lisas. Ser mãe de tantas crianças abandonadas, sem mãe, sem carinho... Sim, apesar de toda minha satisfação pelo estudo, não me importaria nada de não continuar os estudos, não dar aulas de matérias mais ou menos complicadas, e ir esconder-me ali, numa selva ou num deserto... desde que pudesse levar as almas a Jesus... falar d’Ele ali onde ninguém pronunciou o Seu nome e dá-Lo a conhecer às almas ávidas da verdade» (Escritos espirituais).

Como Santa Teresinha, sentia-se insaciável e queria ser cabeça, braço e coração. Desejava que lhe mandassem para as missões mas pensava que havia muito que fazer em toda parte, que em todos os sítios «a messe é grande». Não pediria nunca uma ocupação ou um lugar determinado, irá sempre para onde a mandem, certa de que assim estaria a cumprir a Vontade de Deus.

Numa carta à sua amiga, conta-lhe o seguinte: *«Preferiria que me mandassem para as missões; mas parece-me que não pedirei, pois é melhor obedecer sempre. Na verdade, tanto bem se pode*

fazer às almas num lugar ou noutra. Ali onde estiver, encontrarei trabalho em abundância, almas para levar a Cristo. Estando com Ele, seremos “porta-cristos”, irradiaremos a Cristo onde quer que formos; notar-se-á a presença de uma alma que leva em si o Senhor. É o não viver já em nós, mas sim Ele a viver em nós. Na verdade, é Jesus quem obra em nós e por meio de nós» (Carta, 15-04-1944).

TODOS SOMOS CHAMADOS A SER MISSIONÁRIOS

A Irmã Rocio salienta também a possibilidade de que todos, em todas as idades e em todos os lugares, podemos ser missionários com o nosso *testemunho* de vida, com a *oração*, com o *sacrifício* e com a *esmola*.

A oração, para acompanhar o caminho e a obra dos missionários. O sacrifício, que aceite com fé e sofrido com Cristo, tem valor salvífico. A solidariedade, oferecendo a nossa ajuda e partilhando os bens materiais para aliviar as múltiplas necessidades que sofrem tantas pessoas e populações da terra. O testemunho de vida cristã é uma pregação silenciosa do Evangelho mas muito eficaz.

Todo o que sofre no espírito e no corpo pode chegar a ser missionário, se oferece com Jesus ao Pai os próprios sofrimentos.

«Ofereçamos tudo a Jesus pelas almas; Jesus, ofereço-Te isto para que uma alma venha a Ti. Isto por aquela pessoa, para que compreenda que Tu és o único capaz de enaltecer os seus desejos... Que importam os nossos sofrimentos se com eles poderemos levar uma alma a Jesus? Se oferecermos tudo a Jesus, terá um valor enorme. Podemos levar-Lhe muitas almas com os nossos sacrifícios, com as nossas orações... Não te parece que somos um pouquinho maluquinhas se deixamos perder um tesouro tão rico?» (Carta, 25-7-44).

Os santos revelam com o testemunho de sua vida a Palavra de Deus que proclamam. Todos os lugares por onde a Irmã Rocio passou são testemunhos do seu zelo apostólico. Por isso, ela não se poupou a nenhum sacrifício. O seu único desejo era amar a Deus e aos outros.

Encher-se d'Ele e dá-Lo aos outros. Contribuir para que todos conhecessem melhor a Deus e fossem conscientes da sua dignidade de filhos, de filhos de Deus.

Sempre estive na sua mente e no seu coração a conversão dos pecadores e a extensão do Reino de Deus. Sentia-se feliz conquistando almas para Deus, assim ela o diz: «Oh, sim! Os corações de todos os homens... quisera eu poder oferecê-los todos a Ele, para que fossem o seu trono, onde Ele reinasse! Que magnífico seria um trono feito com os corações de todos os homens e que a partir dele Jesus reinasse» (Diário, 21-IX- 1943).

*Ide e anunciai ao mundo
a mensagem mais perfeita
que recebemos:
o infinito amor
de Deus aos homens,
manifestado
em Jesus Cristo.*



FAVORES E GRAÇAS CONCEDIDAS PELOS VENERÁVEIS PADRE USERA E IRMÃ ROCIO

*«O amor de Deus faz
sábios e santos»*

✓ Quando o nosso filho Gustavo de Almeida Xavier tinha 9 meses, numa consulta de rotina na pediatria, foi-lhe detetado crescimento anormal do baço e, por causa da tenra idade do menino,

não se podia avançar a causa e o diagnóstico, mas foi-nos dito bem claro que era um caso preocupante. Depois de vários exames médicos, a pediatra aconselhou passar o caso de Gustavo para o Hospital de Santo António, na especialidade de Hematologia.

Só quando Gustavo completou quatro anos de idade, é que conseguimos fazer o primeiro diagnóstico: ALPS (*Autoim-*



mune Lymphoproliferative Syndrome). Simplificando, foi-nos explicado que o sistema imunitário de Gustavo, por deformação de um cromossoma, fazia reação a infeções fictícias, produzindo enormes quantidades de glóbulos brancos e, como não havia nenhum agente infeccioso, estes glóbulos percorriam o corpo e concentravam-se no baço, que durante muito tempo manteve o seu volume triplicado, com risco de hemorragias internas. Os sintomas eram subidas repentinas da febre até aos 41°C. Também, tinha outras complicações, que punham em perigo a vida da criança.

Aos treze anos, foi-lhe diagnosticado o síndrome Hepato pulmonar, SHP. Gustavo tinha agora duas patologias, ALPS e SPH, e, segundo os médicos, estas duas patologias não poderiam coexistir simultaneamente na mesma pessoa.

Depois de dois longos anos, nos quais Gustavo viveu com oxigénio líquido durante as 24 horas do dia, foi decidido submetê-lo ao transplante hepático, conscientes do risco inerente. Os médicos de Portugal, que buscavam a melhor solução, optaram por remeter o caso de Gustavo para Inglaterra a um hospital especializado. O diagnóstico dos médicos de Inglaterra coincidiu com o dos médicos portugueses e consideraram que o transplante de fígado seria a solução mais viável e correta. Foi decidido que o dador seria o pai de Gustavo. A estada em Inglaterra, seis semanas, nos hospitais (Newcastle e Birmingham), foi muito dolorosa psicologicamente,

aumentou o sofrimento físico devido aos exames e testes médicos necessários. Os médicos ponderaram se Gustavo poderia ou não suportar o transplante uma vez que já tinha passado dos 6 litros de oxigénio habituais por minuto para necessitar de 8 litros. Verificando o esgotamento físico e emocional de Gustavo, decidiram suspender a estada em Inglaterra e regressar a Portugal para descansar.

Foi durante a sua estada em Portugal, e numa consulta no Hospital Maria Pia, quando se verificou que Gustavo respirava normalmente, podendo assim ser dispensado de usar oxigénio. Gustavo estava a reagir de forma original e desconhecida a um medicamento (o nicofenolato de mofetil) que se lhe administrava,



tendo em vista o transplante. Esta reação de Gustavo foi apresentada e estudada em diferentes congressos médicos a nível internacional.

Gustavo tem hoje 22 anos e faz uma vida normal e com medicação reduzida. Ao longo do seu percurso, «Caixinha de surpresas», apelido dado a Gustavo carinhosamente pelos seus médicos, teve sempre um porto seguro: o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, as Irmãs da Congregação do Amor de Deus, o carinhoso corpo docente e os meninos e meninas que o rodeavam com comportamentos, conversações e brincadeiras perfeitamente normais para aquelas idades. Acima de tudo, a intercessão do Padre Usera, a quem todos confiavam a saúde de Gustavo.

Novembro de 2018

A família e Gustavo:

Pai: Belmiro Augusto Borges Xavier Ferreira (30 de janeiro de 1964).

Mãe: Maria Inácia Brandão de Almeida Ribeiro (10 de outubro de 1962).

Gustavo de Almeida Xavier.

✓ Quero dar graças ao Venerável Padre Usera pelo favor concedido. Rezolhe todos os dias para que me continue a ajudar. Obrigado, Padre Usera!

Quero colaborar com um donativo para a sua canonização e gostaria de o ver rapidamente nos altares. Obrigado.

B. García

✓ Dortmund, 19-10-2018

Queridas Irmãs: Agradecemos e damos graças ao Venerável Padre Usera pelos benefícios e favores recebidos por sua intercessão.

Pedimos pela sua rápida canonização e vos enviamos um donativo para ajudar à sua Causa.

Que o Senhor bendiga os vossos trabalhos e toda a informação que nos vais enviando.

Com uma saudação cordial.

Manuela Marín e Sixto



P. USERA

ORAÇÃO

Senhor, Vós que concedestes a Jerónimo Usera um dom especial de amor gratuito, dai-nos também a nós um zelo infatigável e um amor ardente que nos leve a entregar-nos ao bem dos irmãos e concedei-nos por sua intercessão a graça que hoje vos pedimos.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo...

IRMÃ ROCIO

ORAÇÃO

Damo-vos graças, Senhor Deus, Pai bom e rico em misericórdia, porque concedestes à vossa serva Maria do Rocio o dom da alegria no seguimento do Vosso Filho Jesus Cristo. Abençoai-nos para que, acolhendo os vossos dons com singeleza e alegria, sejamos testemunhas do Vosso amor no mundo. Escutai-nos e, pela sua intercessão, concedei-nos a graça que hoje Vos pedimos.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo...



PADRE USERA

Suplicamos que todas as graças alcançadas por intercessão dos Veneráveis Padre Usera e Irmã Rocio, se comuniquem a:

Irmãs do Amor de Deus
Departamento de Causas
Calle Asura , 90
28043 - MADRID

E-mail: dptocausas@amordedios.net
 Pág. Web: www.amordedios.net

Nota: Tenham a bondade de assinar a graça alcançada para que esta possa ser publicada.



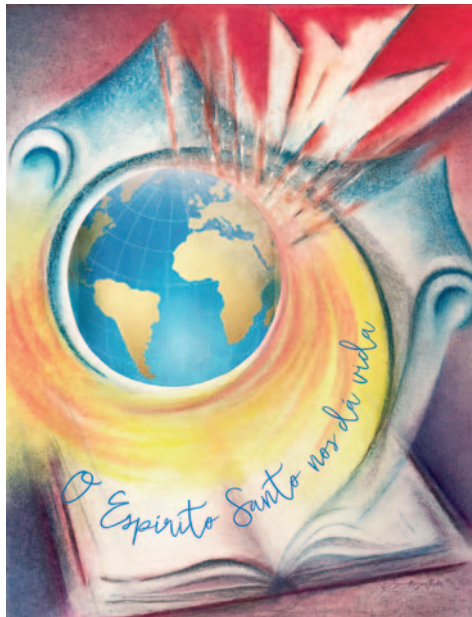
IRMÃ ROCIO

ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES «AMOR DE DEUS»

Pai Bom, Jesus disse-nos: «A messe é grande e os trabalhadores são poucos. Rogai ao Dono da messe para que envie trabalhadores aos seus campos». E também afirmou: «Tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vo-lo concederá». Confiados nesta palavra de Jesus e na Vossa bondade, Vos pedimos vocações para a Igreja e para a Família «Amor de Deus», que se entreguem à construção do Reino como nova civilização do amor. Santa Maria, Virgem Imaculada, protegei com a Vossa maternal intercessão as famílias e as comunidades cristãs para que animem a vida das crianças e ajudem os jovens a responder com generosidade ao chamamento de Jesus, para manifestar o amor gratuito de Deus aos homens. Amém.

CELEBRAÇÃO DO XVI CAPÍTULO GERAL DAS IRMÃS DO AMOR DE DEUS

«Ao sopro do Espírito anunciamos o Evangelho»



Em julho de 2020 terá lugar o XVI Capítulo Geral da Congregação das Irmãs do Amor de Deus. O tema escolhido orienta a reflexão, a procura, a projeção do futuro, tanto na preparação como na tarefa capitular.

O tema mantém-nos em fidelidade ao Evangelho e ao carisma «Amor de Deus». Mantém-nos em sintonia e comunhão profunda com a Igreja e o seu magistério. Mantém-nos em serviço aos irmãos que necessitam do Evangelho.

AO SOPRO DO ESPÍRITO

«*O Espírito Santo nos deu vida*». Profundamente agradecidas, fazemos memória das nossas origens. Recordamos a Jerónimo Usera, que viveu ungido e urgido pelo Espírito Santo e, contagiado pelo seu Fogo, descobriu e percorreu os caminhos que Ele lhe mostrou. Ofereceu a sua vida, a sua palavra e o seu serviço na oração, na pregação do Evangelho, na catequese, na educação, no serviço aos pobres, aos enfermos, aos encarcerados... O seu testemunho de fidelidade ao Espírito e a obra que o Espírito realizou nele, interpelam-nos hoje.

«*O Espírito Santo nos dá vida*». Ele é o Principal e Primeiro Protagonista. Colaborar na sua obra e seguir o seu ritmo exige de nós abertura e escuta silenciosa, docilidade constante e obediência pronta e audaz. Ele inspira e anima, a partir de dentro e misteriosamente, a história e o presente da Congregação, a sua vida e a sua missão. O Espírito Santo, com a nossa colaboração, realiza entre nós a fraternidade e urge-nos a permanecer no amor; guia-nos no diálogo fraterno, na procura conjunta, dissipa os nossos medos e lança-nos na missão.

Queremos viver este acontecimento congregacional como tempo de graça e de salvação que nos proporcione perso-

nalizar a fé, aprofundar o Carisma, acolher o envio do Senhor a servir ao mundo em Seu nome a partir do dom do Carisma, transmitir o Carisma às novas gerações para que continue a gerar vida, satisfação, alegria, esperança, sabedoria e santidade.

Queremos viver este acontecimento congregacional com satisfação, em fide-

lidade criativa e com a mesma esperança e responsabilidade do Padre Usera e das primeiras Irmãs na fundação da Congregação.

Convidamos a todos a orar pelo fruto do XVI Capítulo Geral da Congregação das Irmãs do Amor de Deus e entrar em comunhão congregacional a través da Oração que anexamos a seguir.

ORAÇÃO PELO XVI CAPÍTULO GERAL



Pai bondoso, Tu que derramaste o Espírito Santo sobre a Igreja quando esta reunida em oração com Maria, concede-nos o Dom do Espírito para que neste tempo capitular estejamos abertas às suas inspirações. Que sejamos dóceis à novidade criativa do Espírito, para escutar, discernir e responder com valentia ao Teu querer sobre a Congregação.

Pedimos- Te que despertes e fortaleças em nós os mesmos sentimentos (Fl 2,5) de Cristo Jesus Teu Filho. Que tudo comece Contigo e façamos nossos os Teus desejos para a Família «Amor de Deus» nos próximos anos.

Guia as deliberações e decisões do nosso Capítulo Geral, inspira as capitulares para estarem atentas como esteve Maria, abre os seus ouvidos e os seus corações para escutar com fé, e para responder às necessidades da Igreja e do nosso mundo, e assim, juntos como irmãos, possamos ser testemunhos do amor de Deus.

Te pedimos, por Jesus Cristo nosso Senhor. Amén.



Código QR para descarregar no teu móvel a oração pelo fruto do Capítulo.



**DEPARTAMENTO DE CAUSAS DE SANTIDADE
DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DO AMOR DE DEUS
CASA GERAL**

Asura, 90 - 28043 MADRID - Telef. (34) 913 001 746
E-mail: dptocasaus@amordedios.net - Pág.Web: www.amordedios.net

Irmãs do Amor de Deus



Por
Caminhos
de
Santidade

N.º 15 - 2019